

ÉTICA EM EDUCAÇÃO E PRESERVAÇÃO DE ACERVOS DOCUMENTAIS

Resumo: Entrevista realizada pelo Prof. Dr. Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva, líder do Grupo de Estudos sobre Cultura, Representação e Informação Digitais – CRIDI, com a Dra. Adriana Cox Hollós, pesquisadora do Grupo de Estudos sobre Cultura, Representação e Informação Digitais – CRIDI, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, e professora do Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia do Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST. Presidente da Câmara Técnica de Capacitação de Recursos Humanos do CONARQ, atualmente supervisiona o Núcleo de Educação e Capacitação Profissional do Arquivo Nacional.

Adriana Cox Hollós
Professora do Mestrado Profissional em
Preservação de Acervos de Ciência e
Tecnologia, do Museu de Astronomia e
Ciências Afins (MAST), Brasil.
adriana@arquivonacional.gov.br

Palavras-chave: Ética. Educação. Preservação. Patrimônio cultural. Arquivos.

ETHICS IN EDUCATION AND PRESERVATION OF DOCUMENTARY COLLECTIONS

Abstract: Interview conducted by Prof. Dr. Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva, leader of the Study Group on Culture, Representation and Digital Information – CRIDI, with Dr. Adriana Cox Hollós, a researcher at the Study Group on Culture, Representation and Digital Information – CRIDI, the Federal University of Bahia – UFBA, and professor of the Professional Master in Archives Preservation Science and Technology of Astronomy and Related Sciences Museum - MAST. President of Technical Chamber Training of Human Resources of the CONARQ, presently supervises the Education and Professional Training Center of the National Archives.

Keywords: Ethic. Education. Preservation. Cultural heritage. Archive.

No final do mês de agosto de 2016, o PPGCI-UFBA promoveu uma palestra ministrada por Vossa Senhoria, realizada a convite do Grupo CRIDI, com o apoio do CNPq, relativa aos temas da ética, educação e preservação do patrimônio cultural. Aproveitemos, então, este espaço de livre entrevista para darmos lugar na Revista Ponto de Acesso à reflexão sobre o assunto e sua difusão.

PontodeAcesso - Qual a relação entre ética, educação e preservação de bens culturais? Os documentos públicos também fazem parte do patrimônio cultural? Ou seriam

diferenciados dele, constituindo um patrimônio documental? Documento também é cultura?

Profa. Dra. Adriana Cox Hollós - O tema da Ética e da Educação foi escolhido devido ao atual momento que vivemos em nosso país. Há uma crise política que nos convida a refletir sobre a necessidade da preservação dos valores éticos e morais, que devem ser incorporados ao dia a dia de nossas vidas pessoais e profissionais. A ética é, afinal, algo constitutivo de qualquer profissão e não poderia deixar de estar presente nas discussões que envolvem a salvaguarda dos bens culturais. Se considerarmos o acesso à informação como sendo o vetor que possibilita nos constituir como sujeitos de nossa própria história, vamos reconhecer que é por meio dele que desenvolvemos nossa inteligência e a capacidade de agir no mundo e por ele. Aliás, esse é um conceito desenvolvido em sua tese de doutorado¹ e que gosto muito de citar, pois de certa forma ele se aproxima do discurso presente na área de arquivos, que enfatiza sua importância para a promoção da cidadania, da transparência e da participação social. Dito isso, devo sublinhar a relevância das ações políticas, técnicas, científicas e acadêmicas que devemos empreender e incentivar em nossos estudantes, pois o patrimônio cultural é um dos meios que nos permite ser e estar no mundo como um sujeito que alcançou um desenvolvimento pleno, desencadeado pelo processo transformativo da educação.

Com relação às outras duas perguntas, quero apenas dizer que sim, os documentos, sejam eles públicos ou privados, fazem parte do patrimônio cultural. O documento resulta de uma experiência humana e, portanto, é cultura. Do meu ponto de vista, independentemente do contexto em que tenha sido produzido - administrativo, histórico ou jurídico, o documento é, sempre, parte do patrimônio cultural.

PontodeAcesso – Como fazer para que tenhamos os registros digitais de hoje autênticos e confiáveis, no futuro distante? E no caso dos documentos audiovisuais como os das “imagens em movimento”? Quais são os desafios atuais?

Profa. Dra. Adriana Cox Hollós - Eu diria que o futuro distante já é presente.

¹ Cf. SILVA, Rubens R. G. da. **Digitalização de acervos fotográficos públicos e seus reflexos institucionais e sociais: tecnologia e consciência no universo digital**. Tese. Doutorado em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, UFRJ/IBICT, 2002. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/676/1/rubenssilva52002.pdf>. Acesso em: 19/09/2016.

Afinal, a digitalização da sociedade nos trouxe o que há de mais impermanente e frágil que a humanidade já foi capaz de produzir: dos tabletes de argila ao papel, dos pergaminhos às películas cinematográficas. A informação, por si só, não é capaz de sobreviver, ao acaso. Ela exige intencionalidade no gesto que lhe dá origem, para que possa alcançar persistência e, aí sim, ser considerada autêntica e confiável. E a nós, profissionais da área de arquivos e memória, resta enfrentar os desafios que estão colocados pelo uso massivo das tecnologias digitais, em todas as áreas do conhecimento.

PontodeAcesso - Quais os desafios dos arquivistas, bibliotecários, museólogos em termos de sua própria formação profissional? Existe mesmo a tão propalada interdisciplinaridade?

Profa. Dra. Adriana Cox Hollós - Aos profissionais que lidam com a salvaguarda da informação digital se impõe a ética da resistência à possibilidade de uma e-amnésia total, que pode levar a humanidade a se esquecer sobre seu passado e os seus governos, trazendo consequências obscuras para o direito à informação e à memória, além de impedir que os governos prestem contas de seus atos às gerações do presente e do futuro. Da mesma forma, podemos também resistir aos mecanismos políticos de manipulação da informação - que sempre existiram, mas hoje estão muito mais banalizados, podendo fazer com que nunca sejamos capazes de resgatar os fatos e acontecimentos registrados em meio digital.

Com relação à interdisciplinaridade tenho como hipótese que o uso das tecnologias digitais pela sociedade pode promover uma maior integração entre os arquivos, bibliotecas e museus, tornando suas fronteiras disciplinares mais tênues e os obrigando a estabelecer um diálogo interdisciplinar, uma vez que bits e bytes já são um objeto comum às três áreas.

PontodeAcesso - Em meio à complexidade de dois mundos com tantas diferenças, o que fazer primeiro: criar versões digitais do patrimônio documental “analógico” ou concentrar-se na preservação do patrimônio documental natodigital?

Profa. Dra. Adriana Cox Hollós - Vejo a digitalização da sociedade como algo inexorável e seu enfrentamento é inadiável. Não tem volta. Precisamos aprender e ensinar cada vez mais sobre os limites e desafios da salvaguarda digital. De maneira cada vez mais

focada e adequadamente dirigida aos diversos públicos, a sociedade precisa ser alertada sobre o risco dessa amnésia digital de uma informação que corre o risco de nunca vir a se constituir como documento e memória. A própria arte digital e seus artistas ainda não se deram conta da efemeridade que caracteriza suas obras. No entanto, não vejo essa disputa entre o que fazer primeiro. De meu ponto de vista, em direção ao futuro, precisamos continuar cuidando de nossos acervos analógicos em ambientes de guarda adequados, mas sem negligenciar a preservação da cadeia de custódia da informação nascida digital. Afinal, não será possível gerar representantes analógicos de informações nascidas digitais, pois a própria consciência sobre a preservação do meio ambiente deverá estar presente em nossos debates. Imaginar que a geração de matrizes analógicas de imagens em movimento seja suficiente para garantir seu acesso ao longo do tempo é não reconhecer o potencial poluidor dessas tecnologias de fabricação ao nosso meio ambiente. Portanto, não vejo alternativas a não ser tornar nossos jovens cada vez mais bem informados sobre a importância dos arquivos e da salvaguarda digitais.

PontodeAcesso – Como reinventar a “militância” no universo das profissões ligadas ao patrimônio documental, de forma a enfrentar os desafios da preservação digital e do acesso remoto à documentação pública?

Profa. Dra. Adriana Cox Hollós - O tema da salvaguarda digital da memória dos povos tem se tornado cada vez mais presente nas falas de autores contemporâneos ligados ao tema da patrimonialização. A arquivologia, biblioteconomia e a museologia, cada uma delas representa, ao seu modo, um papel na constituição e preservação das próteses de memória² pertencentes a um tempo passado que testemunhou acontecimentos importantes de serem conhecidos no presente e no futuro. Para além da importância cultural e histórica de nosso patrimônio documental para as gerações futuras é com a sua dimensão ética e política que me ocupo. Isso porque a memória do presente é caracterizada por sua efemeridade e minha preocupação está em chamar a atenção para os riscos de um futuro sem memória ou, melhor dizendo, de memórias sem futuro. Ao se considerar que são as recordações do passado que podem fundar uma tradição e continuidade por meio da transmissão da informação de geração em geração, precisamos enfrentar as tensões que atravessam o tema quanto à

2 Cf. MONTESPERELLI, P. **Sociología de la memoria**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2004.

fragilidade atual das instituições públicas no Brasil e a urgência de uma maior conscientização sobre a importância da salvaguarda digital do patrimônio que ora está sendo constituído. Além disso, abordar as crises do Brasil contemporâneo é de fundamental importância para nos obrigar a pensar o que um “apagão” na Internet pode vir a provocar, ocasionando, entre outros danos, a perda da informação relevante do nosso momento atual. É importante se destacar que deveria caber aos arquivos do presente o papel de custodiadores das informações classificadas como sensíveis, que circulam em ambientes fechados e protegidos. Somente assim seria possível garantir que, uma vez desclassificadas, tais informações estariam acessíveis e usáveis. Torna-se necessário frisar ainda que as informações que circulam em ambientes abertos poderão sobreviver ao acaso, sem os devidos cuidados de conservação, por meio do compartilhamento, mas as informações sigilosas, estas talvez nunca venham a ser conhecidas. Diante da inquietação que nos assombra sobre a salvaguarda dos arquivos digitais, quero aproveitar a oportunidade para chamar a atenção para o papel da ética e da educação patrimonial como uma eventual possibilidade de mobilização da sociedade para exigir políticas que visem a garantir a salvaguarda da informação digital. É de fundamental importância que tenhamos claro que ainda nos dias de hoje os arquivos não são reconhecidos como atores fundamentais e estratégicos à administração, à democracia, ao combate à corrupção e, sobretudo, ao fortalecimento da transparência e do controle social por parte da sociedade. Precisamos responder a essas questões com a urgência que o caso requer ou correremos o risco de testemunhar, em pouco tempo, a distopia de uma e-amnésia total nos próximos anos. Somos todos responsáveis por mitigar esse risco, com a devida e urgente participação social e o necessário empenho do Estado brasileiro. As novas gerações precisam ser devidamente informadas para adquirirem consciência das questões essenciais que emergem, a partir de uma adequada, constante e atualizada discussão da problemática. Só assim, acredito, poderemos chegar a ser capazes de promover o acesso pleno e continuado a informações que podem revelar muito do que temos vivenciado, pensado e compreendido sobre o assunto nos últimos anos.